



fig. 13.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Título Título Título
Título Título Título

Arte moderna e desporto «para o povo» na ação da Fundação Calouste Gulbenkian no Iraque

Ricardo Costa Agarez

*«Já existem galerias de arte suficientes na Europa e na América, sendo que a construção de mais se afigura bastante desnecessária [;] existe, no entanto, a verdadeira necessidade de uma galeria no Médio Oriente, e isso significa Bagdade.»
Disse a Dhia Ja'far que compreendo e simpatizo com esta sua ambição, e que penso que a construção de uma galeria e museu realmente representativos em Bagdade se constitui como um projeto absolutamente admirável¹*

Kevork Essayan, administrador responsável pelo Serviço do Médio Oriente da recém-formada Fundação Calouste Gulbenkian, apoiou nestes termos a ideia, formulada inicialmente pela Iraqi Artists Society (a Sociedade dos Artistas Iraquianos), de erguer na capital iraquiana um centro permanente para exposições de arte moderna: em outubro de 1957, a Sociedade expusera à Fundação as dificuldades que enfrentava ao pretender promover a atividade artística no Iraque e o interesse público nesta - e mesmo, em fomentar o desenvolvimento de um movimento artístico iraquiano, com relevância na sociedade local - sem um edifício concebido de raiz para o efeito. A retórica de suporte do projeto recorreu consistentemente, a partir de então, ao potencial civilizador da produção artística contemporânea: «Promovendo a visita e assistência, por motivos diversos, de uma população numerosa, torna-se possível modificar o sentido de curiosidade acidental do público num interesse orientado pela vontade de satisfação intelectual.»²

A ideia ajustava-se perfeitamente à intenção da Fundação, delineada desde o momento do seu estabelecimento em Portugal em 1956, de fazer materializar em apoios de vária ordem uma estratégia de retribuição ao Iraque pelos proventos obtidos na exploração petrolífera naquele país, a partir de 1927, pelas companhias participadas por Calouste Gulbenkian. Os governos do Iraque - do primeiro-ministro Nuri Pasha, na monarquia encabeçada por Faiçal II, e do general Kassem após a Revolução de 14 de julho de 1958 - foram deixando bem claro aos representantes da

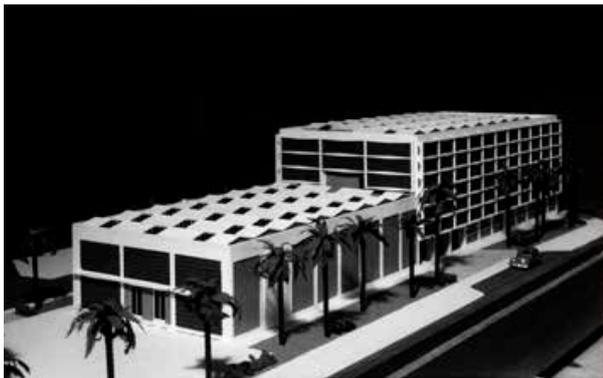


fig. 14.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Título Título Título
Título Título Título

Fundação que a participação desta no desenvolvimento do país era esperada - e que a sua não concretização justificaria que se equacionasse a nacionalização da exploração de petróleo. Azeredo Perdigão e Robert Gulbenkian, diretamente envolvidos em visitas, missões e contactos na região, reconheceram a importância de dar uma resposta inequívoca a estas necessidades, no quadro dos fins estatutários da instituição: projetos de cariz educativo, cultural, assistencial e científico no Iraque, bem como bolsas de estudo e formação individuais, passaram em 1957 a ser financiados através dos diferentes canais criados na orgânica da Fundação.

O centro de arte denominado Modern Arts Centre (MAC) em Bagdade foi o cartão-de-visita da operação da Fundação Calouste Gulbenkian no Iraque: um projeto pragmático e realista, resposta a uma necessidade objetiva de cariz cultural evidente, de realização tecnicamente simplificada. Uma intervenção direta, cirúrgica - e não, como seria regra a partir de então, um subsídio a iniciativa de terceiros -, demonstraria rapidamente a capacidade de concretização e a seriedade de propósitos da instituição; serviria ainda como balão-de-ensaio para a segunda (e última) obra diretamente promovida pela instituição, um consideravelmente mais ambicioso complexo desportivo a erguer também em Bagdade. Como afirmou Luís Guimarães Lobato, diretor do Serviço de Projectos e Obras (SPO) da Fundação, após visita à obra do centro em fase de acabamentos, em fevereiro de 1962:

«Este edifício passou [...] a constituir, por agora, a materialização mais importante na actividade da Fundação no Iraque. [...] representa a primeira realização efectiva a favor do [seu] desenvolvimento cultural [...] apesar de terem sido feitas promessas mais variadas, de realizações similares, quer por parte do Governo, quer por parte de entidades estranhas ao país. O facto de se ter passado à realização esclareceu a posição da Fundação e criou um espírito de confiança nos seus propósitos de construir.»³

O MAC, objeto de um subsídio inicial de sessenta mil libras esterlinas decidido pelo Conselho de Administração em abril de 1959, foi projetado entre agosto de 1959 (esbocetos) e dezembro de 1960 (execução) pela equipa do SPO (arquitetura de Jorge Sotto-Mayor de Almeida; estabilidade e especialidades de João Vaz Raposo, Alderico Santos Machado, Mário Gomes Páscoa, Carlos Barros Vidal, Sabah Hamdi e António Lopes de Sousa) em articulação estreita com os engenheiros Hassan Rifaat Mahmoud, diretor da divisão técnica do município de Bagdade, e Abdullah Ihsan Kamil, professor na Faculdade de Engenharia e membro do Conselho Municipal da



fig. 15.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Título Título Título
Título Título Título

fig. 16.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Titulo Titulo Titulo
Titulo Titulo Titulo

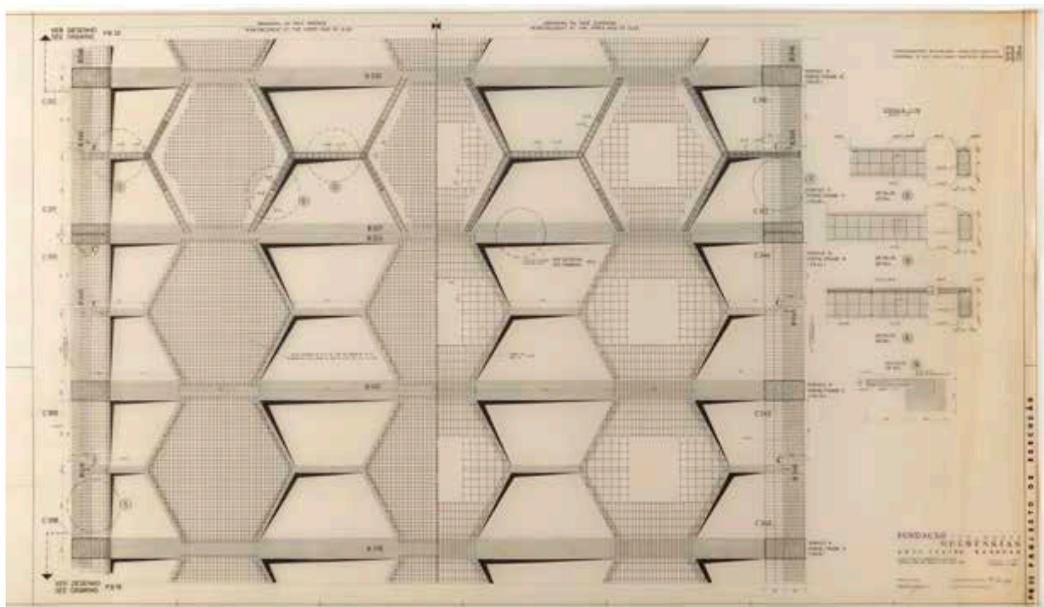
fig. 17.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Titulo Titulo Titulo
Titulo Titulo Titulo



cidade, com base em programa definido em janeiro de 1959 pelo arquiteto Rifat Chaderji, então técnico dirigente no Ministério do Desenvolvimento iraquiano. As instalações projetadas incluíram duas salas de exposições (temporárias no piso térreo, com possibilidade de extensão para os jardins públicos contíguos; permanentes em posição mais recatada, no piso superior), biblioteca e arquivo de *slides* (para apoio educativo), administração, oficina e depósito. Entre o ajuste do programa funcional e o projeto de execução, sucederam-se as visitas de responsáveis políticos e técnicos iraquianos a Lisboa para reuniões de trabalho, e as missões técnicas do SPO a Bagdade, em troca intensa de dúvidas, necessidades, exigências e preferências: este foi um processo partilhado de criação, a que o objeto arquitetónico resultante alude discretamente.

Tratou-se, antes de mais, de dar expressão arquitetónica ao pragmatismo inscrito na operação desde o início. O edifício é composto de dois volumes elementares, paralelepípedicos (fig. 14), correspondentes à grande sala de exposições temporárias (corpo de um piso só) e aos espaços para apoio, administração e exposições permanentes (corpo de dois pisos). Para caracterizar esta arquitetura típica da maturidade do Movimento Moderno no pós-guerra, em que a composição é determinada em larga medida pela tradução exterior da malha estrutural, os projetistas recorreram a um conjunto de mecanismos formais simples e expressivos, também justificáveis pelo imperativo de controlo da incidência solar no contexto da região: as fachadas revestidas a grelhagem no volume maior, as lâminas quebra-sol da extremidade poente (fig. 15) e a solução encontrada para as claraboias que dotam de luz zenital as salas de exposição (fig. 16). A grande simplicidade da proposta não impediu, contudo, que se pretendesse evocar, mesmo se timidamente, motivos tidos como característicos da arte e arquitetura do Médio Oriente: é disto exemplo a geometria poligonal que marca tanto as barras horizontais de suporte da grelhagem, em alçado, quanto o recorte dos módulos vazados desta grelhagem e o padrão «favo de mel» das lajes perfuradas pelas claraboias (fig. 17).



A realização do MAC foi-se tornando urgente pelo desenrolar da situação político-social no Iraque. «Existem tantos rumores e incertezas em Bagdade - diz-se que Kassem mencionou que em abril haverá uma revolução no Iraque - que a nossa decisão de hoje poderá demonstrar-se, afinal, uma sábia decisão», alertou Essayan em abril de 1959, em apoio do financiamento do projeto⁴. Mas a operação resistiu, sob o pulso pragmático de Guimarães Lobato e do SPO: «A obra foi simplificada até ao limite que foi possível admitir-se»; não se pôde aceitar «a exagerada valorização que a missão iraquiana pretendia, à base de acabamentos muito ricos, como fossem, por exemplo, os dos revestimentos a mármore e de grandes painéis de azulejos artísticos»⁵. Materiais de construção portugueses - mármore e cortiça em pavimentos, azulejo branco, vidro, elementos metálicos, fibrocimento e material para instalações elétricas - foram contudo empregues por insistência dos responsáveis locais (reconhecida a dificuldade em garantir a qualidade e disponibilidade da produção iraquiana) e porque - «e esta é a razão que sobretudo importa à Fundação - a inclusão de materiais portugueses permitirá uma apreciável economia na obra e ajudar a interessar o mercado local em certos produtos nacionais»⁶.

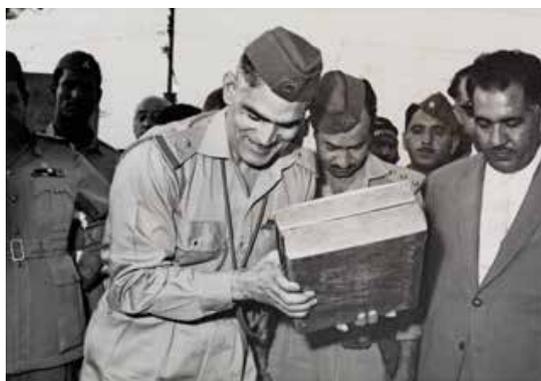


fig. 18.

Autor Autor Autor
Autor Autor Autor
Título Título Título
Título Título Título

O engenheiro-arquiteto Ihsan Sherzad, consultor técnico da Fundação desde abril de 1960, e Sabah Hamdi, engenheiro residente desde janeiro de 1961, foram os principais responsáveis locais pela materialização dos dois equipamentos diretamente promovidos no Iraque. Entre Bagdade e Lisboa, Sherzad e Guimarães Lobato trocaram correspondência quase diária, esclarecendo diretrizes de projeto, ajustando adaptações, especificando materiais e procedimentos; intensificaram-se os estágios em Portugal (Laboratório Nacional de Engenharia Civil, SPO) e as missões ao Iraque. A cerimónia de lançamento da primeira pedra do MAC pelo primeiro-ministro Kassem (fig. 18) foi cuidadosamente coordenada para acontecer a 14 de julho de 1961, terceiro aniversário da revolução republicana; exatamente um ano depois, o edifício - que, apesar da omissão da entidade promotora no discurso inaugural do líder, passou a ser conhecido como o «Gulbenkian Building» ou «Gulbenkian Hall» do National Museum of Modern Art - foi inaugurado e entregue ao município de Bagdade, a quem caberia gerir e manter o equipamento.

Guimarães Lobato, enviado à inauguração como «representante técnico» da Fundação, notou «a dignidade e a sobriedade» desta arquitetura «em contraste com a dos edifícios circundantes», satisfeito com a forma como este primeiro símbolo da operação Gulbenkian no Iraque impunha «a sua presença no centro de Bagdade»⁷. Registou, na ocasião, o grupo de «amigos iraquianos» com quem o SPO rea-